

Leituras em paralelo: A imaginação crítica de Roberto Schwarz e de Beatriz Sarlo¹

Maria Caroline Marmerolli Tresoldi*

Resumo

Ao perquirirem as origens das tensões e ambivalências que marcam os processos sociais e culturais no Brasil e na Argentina, os nomes de Roberto Schwarz e de Beatriz Sarlo se destacam no cenário da crítica literária e cultural contemporânea. Articulando literatura e sociedade, estética e política, e conjugando crítica e sociologia, o crítico brasileiro e a crítica argentina construíram, cada qual ao seu modo, projetos versáteis para sentir, pensar e atuar em seus países. Considerando a relevância teórica de seus ensaios para a teoria literária e para as ciências sociais, assim como as reflexões acerca da modernidade e do capitalismo vistos de uma de suas periferias, o artigo acompanha, em um primeiro momento, a trajetória intelectual de ambos, e delinea princípios teóricos e metodológicos a partir dos quais são pensados seus projetos críticos. Em seguida, são analisados alguns ensaios de Schwarz sobre Machado de Assis e de Sarlo sobre Jorge Luis Borges, escritores-chaves nas literaturas brasileira e argentina. O objetivo desse segundo movimento analítico é perceber como a problemática da “periferia” continua desafiando nossa imaginação crítica e sociológica, estimulando diferentes respostas artísticas e intelectuais, cuja potencialidade é qualificar o “moderno” a partir de outro ponto de vista e parar de se questionar “que horas são?”.

¹ Este texto baseia-se em alguns resultados parciais obtidos em minha pesquisa de mestrado “Olhares periféricos: crítica e sociologia no ensaísmo de Roberto Schwarz e de Beatriz Sarlo”, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, processo 2016/02711-0. Uma versão inicial do artigo foi apresentada no Simpósio de Pesquisas Pós-Graduadas de Pensamento Social no 40º Encontro Anual da ANPOCS, em outubro de 2016, e algumas notas foram debatidas no VI Ateliê de Pensamento Social, realizado na FGV, em novembro de 2016. Pelos generosos comentários nesses encontros gostaria de agradecer a Helena Bomeny, João Marcelo Maia e Antonio da Silveira Brasil Junior. Agradeço também a orientadora, Mariana Miggiolaro Chaguri, e aos colegas Camila Teixeira Lima e Henrique Pereira Braga, que leram o texto em diferentes momentos. Os equívocos, evidentemente, são de minha inteira responsabilidade.

* Maria Caroline Marmerolli Tresoldi é graduada em Ciências Sociais pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e mestranda em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da mesma universidade. E-mail: carolinetresoldi@gmail.com.

Palavras-chave

Roberto Schwarz. Beatriz Sarlo. Literatura e Sociedade. Periferias.

Abstract

Due to their investigations on the origins of the tensions and ambivalences underlying social and cultural processes in Brazil and Argentina, the names of Roberto Schwarz and Beatriz Sarlo stand out in the scenario of contemporary literary and cultural criticism. Through articulations between literature and society, aesthetics and politics, both critics have built, each in their own way, versatile projects for feeling, thinking and acting in their respective countries. This paper takes into account the theoretical relevance of their essays for both literary theory and sociology, as well as their reflections upon modernity and capitalism as seen from these countries' peripheral positions, in order to trace their intellectual paths and to outline the main theoretical and methodological principles on which their critical projects rest. Following this brief outline comes an analysis of some of Schwarz' writings on Machado de Assis and Sarlo's essays on Jorge Luis Borges, focusing on their place as master writers at the periphery of capitalism. This analytical move intends to identify some of the ways through which the issue of periphery still challenges our critical and sociological imagination, serving as a stimulus to different artistic and intellectual responses whose potential is to look at the category of "modernity" from another point of view, in order to stop asking "what time is it?"..

Keywords

Roberto Schwarz. Beatriz Sarlo. Literature and Society. Peripheries.

Introdução

“Ninguém sabe melhor do que tu, sábio Kublai,
que nunca se deve confundir a cidade com o discurso que a
descreve. No entanto, há uma relação entre ambos”.
Ítalo Calvino

Com essa epígrafe, Antonio Candido abre seu livro *O discurso e a cidade* (2010 [1993]). Ela arma metodologicamente o problema ao qual o crítico brasileiro se dedicou a partir do momento em que começou a trilhar um caminho das ciências sociais à teoria e crítica literária: existe a sociedade e existem formas de se falar sobre ela, dentre as quais a literatura; e há uma correlação entre essas formas. Nesse sentido, a tarefa do *crítico*, para Candido, é encontrar as mediações entre a realidade do mundo e do ser e

as narrativas ficcionais, e, tal como o sábio, não confundir a realidade social com a exposição estética da realidade nas obras literárias.

Não são todos os críticos das obras de arte em geral, e das obras literárias em particular, que têm a ambição de perceber como o recado do escritor ou do artista é construído “a partir do mundo”, e “gera um mundo novo, cujas leis fazem sentir melhor a realidade originária” (CANDIDO, 2010, p.9). Há tradições na crítica literária que estudam o texto apenas tomando a linguagem e a estrutura narrativa como focos de análise, a partir das quais podem ser desdobrados os estilos dos autores e das escolas literárias.² A proposta de Candido, a contrapelo, é fazer uma “crítica integradora”, por intermédio da qual se reivindique a autonomia dos textos literários, mas também na qual “a natureza, a sociedade e o ser” se façam presentes, já que os leitores e os públicos, no mais das vezes, têm a impressão de estar em contato “com realidades vitais”, de estar participando e aprendendo com o que leem ou veem, como se estivessem envolvidos nos problemas figurados pelas obras (CANDIDO, 2010).

A questão enunciada e trabalhada por Antonio Candido é uma inspiração teórico-metodológica para este trabalho, pois, assim como existe a literatura e a sociedade, também existe a crítica (literária, cultural, estética) e a sociologia, e para alguns críticos há uma *imbricada* relação entre elas. Entre os críticos que problematizam as mediações entre literatura e sociedade, combinando a crítica e a sociologia como pontos de vista, encontram-se, além de Antonio Candido – que é um dos principais formuladores dessa relação no pensamento latino-americano ao lado do uruguaio Ángel Rama, do peruano Antonio Cornejo Polar, dos argentinos Adolfo Prieto e David Viñas etc. –, o crítico brasileiro Roberto Schwarz e a crítica argentina Beatriz Sarlo.

Articulando literatura e sociedade, estética e política, Schwarz e Sarlo, que são mais ou menos “herdeiros” dessa geração de críticos, procuraram elaborar uma análise histórica do presente, tensionando com questões do nosso tempo os nexos de sentido entre processo social, vida intelectual e “condição periférica”. Considerando a relevância teórica de seus ensaios

² Trata-se, em particular, das leituras formalistas e algumas linhas dos estruturalistas (muito presentes no momento em que Antonio Candido escreve entre 1960 e 1980), que propõem a exegese de textos literários, apostando, como observa Said (1983), em uma “sacralidade do texto”.

para os estudos literários e para as ciências sociais, que se desdobram em importantes reflexões acerca da modernidade e do capitalismo vistos de uma de suas periferias, o artigo acompanha algumas aproximações e finas diferenças no percurso formativo que trilharam e em algumas análises que desenvolveram ao longo das últimas décadas.

Busca-se, em particular, acompanhar os itinerários intelectuais do crítico brasileiro e da crítica argentina, mapeando suas formações acadêmicas, as influências teóricas e metodológicas a partir das quais formulam seus temas e problemas de pesquisa, e o contexto histórico-social no qual se inseriram. Por meio desse primeiro movimento analítico – que leva em consideração a complexa e imbricada relação entre as trajetórias intelectuais e os processos sociais mais amplos nos quais as ideias são formuladas (cf. BASTOS; BOTELHO, 2010) –, procura-se perceber como transitam entre a crítica e a sociologia e desenham projetos críticos versáteis para sentir, pensar e atuar em seus respectivos países.

Em seguida, visa-se recuperar trabalhos de Schwarz e Sarlo sobre os escritores mais estudados por ambos, Machado de Assis e Jorge Luis Borges, respectivamente. O objetivo desse segundo movimento analítico, tensionando passado e presente, é observar como a problemática da “periferia”, nas linhas propostas por João Marcelo Maia (2009, 2011), continua desafiando nossa imaginação sociológica e vai assumindo diferentes sentidos nas obras de artistas, escritores e intelectuais – adquirindo contornos heterogêneos, complexos, por vezes ousados e originais.³

³ É importante notar, de início, que a ideia de “periferia” é *rotinizada* no final dos anos de 1940, a partir dos estudos da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe. Com a ideia, procurava-se explicar uma relação econômica e política desigual entre os países “centrais”, no qual o sistema capitalista se originou e estaria mais desenvolvido; e os países “periféricos”, cujo progresso técnico era limitado aos setores a partir dos quais se produziam matérias-primas para o centro, configurando um capitalismo “mais tardio” (cf. RICUPERO, 2011). Nessa linha, centro e periferia expressam uma relação de interdependência, mas com caráter assimétrico. As ideias de periferia e centro, no entanto, envolvem um conjunto de relações complexas e conflitivas não apenas em termos econômicos, políticos e geográficos, mas também na produção e circulação das ideias e das formas culturais e artísticas (cf. GINZBURG, 1989). Esse recorte será explorado ao longo do artigo, mas por ora vale assinalar que a referência às “experiências periféricas” diz respeito a países como o Brasil e a Argentina, que em algum momento estiveram subordinados à divisão internacional do trabalho (seja econômico, seja intelectual e/ou cultural).

Crítica e sociologia como *pontos de vista*

“O crítico precisa ter a atualidade bem agarrada pelos chifres”.

Walter Benjamin

Os ensaios de Roberto Schwarz e de Beatriz Sarlo, de certo modo, estão inseridos em um contexto no qual os trabalhos oriundos de uma linha expressiva da crítica literária, no Brasil e na Argentina, dialogavam com temas de pesquisa das ciências sociais praticadas nesses países, em que se pese, particularmente, os problemas de formação cultural e da modernização das sociedades (cf. JACKSON; BLANCO, 2014). Os dois críticos, de maneiras diferentes e quase inversas, transitaram entre os caminhos da crítica (literária e cultural) e da sociologia – tanto em suas formações acadêmicas quanto em suas preocupações teóricas e temáticas.

A trajetória acadêmica do crítico brasileiro, por exemplo, insere-se no campo intelectual das ciências sociais e, em seguida, no dos estudos literários. Nascido em 1938, na Áustria, apenas com alguns meses de idade imigrou ao Brasil com seus pais, intelectuais de esquerda e judeus, que fugiam do nazismo. Embora tenha vivido na infância e na adolescência imerso na linguagem e na cultura alemãs, foi superando a tensão dividida entre os dois idiomas e as duas culturas que escolheu investigar as peculiaridades e as fontes das contradições da sociabilidade brasileira.

Schwarz entrou em 1957 para o curso de Ciências Sociais na Universidade de São Paulo (USP), quando as discussões sobre o país estavam na ordem do dia. Na ocasião, o crítico participou como aluno do “Seminário de Marx”, iniciativa de um grupo de jovens professores que se reuniram entre o final da década de 1950 e início de 1960 para ler *O Capital* de Karl Marx, e aos poucos desenvolveram modos de interpretar os sentidos do atraso e do progresso no Brasil (SCHWARZ, 1999).⁴

Além da experiência no seminário para estudar um autor pouco ensinado nas salas de aula das universidades brasileiras, as discussões que tiveram influência em sua formação foram os debates travados com Antonio

⁴ Os jovens professores da empreitada foram José Arthur Gianotti, da Filosofia; Fernando Henrique Cardoso e Octávio Ianni, das Ciências Sociais; Paul Singer, da Economia; Fernando Antonio Novais, da História, entre outros; e os alunos mais assíduos nas reuniões do grupo eram, além de Schwarz, Michael Löwy, Bento Prado Jr. e Francisco Weffort. Sobre o tema, ver: SCHWARZ, 1999.

Candido. Schwarz conheceu o professor em 1958, no último ano em que ele ministrou aulas como assistente de Fernando Azevedo na Cadeira de Sociologia II. No ano seguinte, em 1959, Candido aceitou o convite para lecionar literatura brasileira na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, no interior do estado de São Paulo, passando oficialmente das ciências sociais à crítica literária. O jovem aluno, mirando-se em seu exemplo, foi fazer uma visita ao professor para pedir conselhos, “pois gostava mesmo era de literatura” (SCHWARZ, 2012b, p.284).

Desiludido com os rumos que as ciências sociais tomavam na Universidade de São Paulo, cuja linha principal estava afinada com pesquisas quantitativas, com os levantamentos de dados e as tabulações,⁵ Schwarz mirava olhava com admiração para o grupo paulista que fizera parte da revista *Clima* (1941-1944), muitos dos quais seus professores, já que os jovens estudantes em torno desse grupo, como recorda Heloísa Pontes (1998), experimentaram as artes, a cultura e a realidade brasileira conjugando um ensaísmo crítico com questões a altura do rigor universitário da época. Enveredando para os caminhos dos estudos literários, Schwarz começou a colaborar, ainda durante a graduação, com o Suplemento Literário do jornal *Última Hora*, e posteriormente, a convite de Antonio Candido, com o Suplemento Literário d’ *O Estado de São Paulo*.

Como para ensinar em Letras era necessário um título apropriado, Candido aconselhou que Schwarz fizesse um mestrado em literatura no exterior. Assim, entre os anos de 1961 e 1963, Schwarz se pós-graduou em Literatura Comparada na Universidade de Yale, e no retorno ao Brasil em maio de 1963, tornou-se assistente de Antonio Candido na cadeira de Teoria Literária e Literatura Comparada da USP, inaugurada sob a coordenação do professor em 1961. A rotina desse curso, como conta Davi Arrigucci Jr., também assistente de Candido, tinha como objetivo pensar as imbricações entre literatura e sociedade, e misturava uma “parte teórica” sobre a natureza e a função da literatura, e outra “prática”, com a análise de importantes textos literários. Na parte teórica havia introdução aos estudos literários, e eram discutidos textos de Georg Lukács, Walter Benjamin, Theodor Adorno, Erich Auerbach, autores do *New Criticism*, autores ligados

⁵ Naquele momento, no final de 1950, os trabalhos eram orientados pela perspectiva de Florestan Fernandes e impulsionavam a pesquisa empírica e monográfica, de modo a se contrapor com o ensaísmo das décadas anteriores e estabelecer um padrão “mais científico” para as ciências sociais (cf. JACKSON, BLANCO, 2014).

à escola estilística, os formalistas russos e norte-americanos, estudos de literatura e psicanálise, entre outros. Na parte prática, por sua vez, eram lidos os principais autores da literatura mundial como Edgar Allan Poe, Henry James, Gustave Flaubert, James Joyce etc.; e da literatura brasileira, em particular, Machado de Assis, Mário de Andrade, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa e Clarice Lispector.

Entre 1964 e 1968, Schwarz foi assistente de seu “mestre-Açu Acê” e ministrou aulas nessa Cadeira, além de ter participado ativamente da vida intelectual brasileira (assistindo peças de teatro, filmes e participando de passeatas). Também animou uma nova versão do “Seminário de Marx”, com jovens alunos e colegas. Entretanto, no final de 1968, Schwarz pediu um afastamento de suas atividades na universidade em decorrência da repressão da ditadura militar brasileira aos intelectuais de esquerda. O afastamento pedido por Schwarz, que culminou em sua demissão em 1972, ocorreu por sua militância de resistência à ditadura, em particular porque era membro do comitê da revista *Teoria e Prática*, que começou a ser elaborada em 1967 na USP, mas foi encerrada pela censura antes de seu quarto número, em meados de 1968.

Nessa revista, que procurava criar um espaço crítico que diminuía na imprensa, Schwarz escreveu, tanto em seu nome como no pseudônimo de Bertha Dunkel, textos ligados à literatura e ao marxismo, traduziu o texto sobre sociologia da música de Adorno e procurava intelectuais e artistas para colaborar na revista. Em uma dessas procuras, em visitas ao Rio de Janeiro, Schwarz entrou em contato com poetas cariocas que produziam uma poesia de enfrentamento – que ficaria conhecida como “poesia marginal” ou “Geração do Mimeógrafo” – dentre os principais, Francisco Alvim, Antônio Carlos de Brito (Cacaso) e Ricardo de Carvalho Duarte (Chacal).⁶ Com uma

⁶ Informação concedida à pesquisadora em conversa com Roberto Schwarz em 08/12/2016. A aproximação do crítico com esses poetas não é aleatória, já que ele também escrevia poesias de resistência e contracultura, que foram publicadas, por intermédio de Chacal, em *Corações Veteranos* (1975) e na antologia *26 poetas hoje* (1976), organizado por Heloísa Buarque de Hollanda. O conjunto dessas poesias acaba colocando o crítico como uma espécie de “poeta marginal honorário”. Em 1959 Schwarz já havia publicado algumas poesias, compiladas em *Pássaro na Gaveta* (1959). Além das poesias, destaca-se também, em sua produção literária, a dramaturgia *A lata de lixo da história* (2014 [1977]), escrita quando Schwarz era perseguido pela ditadura e se refugiava na casa de amigos na passagem de 1968 para 1969. Inspirado em Bertolt Brecht, em Nicolau Maquiavel e nos personagens d’ *O Alienista* de Machado de Assis, Schwarz procura figurar em sua peça os “anos de chumbo” da ditadura militar brasileira, mostrando que o passado brasileiro de desmandos autoritários teimava em não passar (cf. SCHWARZ, 2014).

participação ativa na revista, a polícia passou a procurar Schwarz. Para não ser preso, começou a se esconder na casa de amigos por alguns meses, e em seguida, no início de 1969, decidiu deixar o país rumo à França.

Em sua estadia em Paris, conviveu com colegas e intelectuais exilados, com os quais fez contatos para conseguir trabalhos temporários. Entre 1970 e 1973 ficou encarregado do curso de Literatura Brasileira na Universidade de Paris VIII, e a partir de 1973 realizou seu doutoramento em Estudos Latino-Americanos, defendendo sua tese “Forma literária e processo social nas origens do romance brasileiro” em 1976 – publicada no ano seguinte no Brasil com o título *Ao vencedor as batatas*.

No retorno ao Brasil em 1978, Schwarz foi contratado como professor de Teoria Literária no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), por intermédio de Antonio Candido, então coordenador do Instituto, onde permaneceu até sua aposentadoria em 1992. Como professor, durante a década de 1980, fez parte da comissão brasileira que organizou reuniões no país e no exterior em torno da “Historia de la literatura latinoamericana”. De modo paralelo às atividades acadêmicas, Schwarz integrou o comitê da revista *Novos Estudos Cebrap* (1981 -), que surgiu com o objetivo de intervir no espaço público no contexto da redemocratização brasileira. Schwarz firmou, inclusive, o primeiro editorial da revista no ano de 1981, intitulado “Amor sem uso”, em que finaliza com a frase “a situação é péssima, excelente para fazer uma revista”.⁷

A trajetória acadêmica de Beatriz Ercilia Sarlo Sabajanes, por sua vez, é dedicada aos estudos literários, mas há uma aproximação com a “sociologia” no decorrer de sua formação. Nascida em 1942, em Buenos Aires, Sarlo é descendente de famílias de imigrantes de diferentes origens. Do lado materno, de italianos e espanhóis, que tiveram alguma ascensão social, principalmente por meio da educação; e do lado paterno, de “*criollos* antigos”. Na infância e na adolescência aprendeu francês e estudou em um colégio inglês de excelência, marcado por padrões pedagógicos que não eram comuns na Argentina (cf. SARLO, 2009).

Anos mais tarde, no início da década de 1960, ingressou na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires (UBA), no curso de

⁷ Após a aposentadoria, Schwarz continuou presente no debate público, seja na universidade, participando de encontros e proferindo conferências, seja fora dela, escrevendo para jornais e debatendo temas ligados à cultura e à política brasileiras.

Filosofia, mas, como percebeu que seus interesses se voltavam aos assuntos literários, abandonou a Filosofia e passou para o curso de Letras. Durante os anos na faculdade, em um momento de grande efervescência intelectual, cultural e política na universidade e fora dela, Sarlo estabeleceu contato com Jaime Rest – professor adjunto da Cadeira de Literatura Inglesa, cujo titular era Jorge Luis Borges – que debatia obras de críticos culturais, como Raymond Williams e Richard Hoggart. No entanto, segundo a crítica, não foi nas “salas de aula” que ocorreu sua “formação”: antes, teriam sido decisivas a sociabilidade nos entornos da faculdade, com os “intelectuais-livreiros” franceses, os grupos de estudos de estruturalismo e da obra de Roland Barthes, a convivência em museus e em institutos de teatro e de artes, bem como com os colegas que tinham alguma militância política no peronismo de esquerda (SARLO, 2009).

No último ano de graduação, em 1966, com as dificuldades de se inserir profissionalmente, Sarlo desenvolveu atividades junto ao grupo Editorial Universitário de Buenos Aires (Eudeba), que, contudo, sofreu intervenção do Golpe de Estado de 1966. Dirigido por Boris Spivacow, as atividades desenvolvidas pelo grupo migraram alguns meses depois para Centro Editor de América Latina (CEAL), que foi criado pelo antigo diretor da Eudeba com o objetivo militante de organizar coleções de livros (de artes, de literatura e teatro, de história, de política, de economia, de ciências sociais, de humanidades etc.) com preços acessíveis às camadas populares.

Após obter seu título de graduação com um trabalho inicial sobre Juan María Gutiérrez e a crítica literária na Argentina, a trajetória de Sarlo é marcada pelo intenso debate cultural e político argentino, mas às margens da universidade, que sofria com a censura e intervenção da ditadura militar.⁸ Durante a década 1970, além do trabalho na preparação de coleções de literatura, crítica literária e ensaios sociológicos para o CEAL, Sarlo atuou em revistas literárias e culturais argentinas que construía espaços de notável fermentação intelectual.

No período de 1972 a 1976, Sarlo fez parte oficialmente da revista *Los Libros*, trabalhando na preparação de resenhas de livros dedicados à crítica

⁸ Quando se inicia a ditadura militar em 1966, o governo sancionou uma lei que permite a intervenção direta nas universidades, proibindo atividades políticas e reprimindo atividades suspeitas. Muitos professores e pesquisadores (mais ou menos de esquerda) renunciaram aos seus cargos, e alguns precisaram, inclusive, recorrer ao exílio. Nesse contexto, as atividades de pesquisas ficam restritas a poucos grupos nas universidades e principalmente fora delas, “em circuitos privados”, como editoriais e revistas.

literária e ao pensamento social argentino. A revista, que começou a ser publicada em 1969 sob a direção de Héctor Schmucler, é uma das principais responsáveis pela introdução do estruturalismo e do *New Criticism* na Argentina, e teve como objetivo apresentar as novidades do mundo editorial, fosse ele argentino, latino-americano ou europeu. Em seus primeiros números, a revista se dedicou apenas às resenhas de livros publicados no mercado editorial argentino, mas, segundo Carlos Altamirano (2017), com a politização da sociedade argentina no início de 1970, as páginas de *Los Libros* começaram a registrar ensaios sobre os acontecimentos políticos, acentuando um vínculo entre crítica, estética e política (cuja inspiração passava a ser diversa, com a incorporação, por exemplo, do marxismo, da semiologia e da psicanálise etc.)

Em 1973, Sarlo, juntamente com Ricardo Piglia e Carlos Altamirano, assumiu a direção da revista, em seu vigésimo-nono número. Nesse momento *Los Libros* deixa de ser uma revista voltada apenas a resenhas e crítica de livros para se “politizar em uma linha de esquerda revolucionária” identificada com o marxismo, e mais especificamente, com o maoísmo (cf. ESPOSITO, 2015). Entre 1973 e 1976, houve um pequeno intervalo entre as ditaduras militares argentinas, mas no decorrer do ano de 1976, a sociedade e a própria revista se tornaram cada vez mais polarizadas. Diante de rachas internas, Sarlo, Piglia e Altamirano deixaram a revista. Eles saíram pouco antes do novo Golpe de Estado de 1976, que depôs o peronismo, e acabaram, segundo Altamirano (2017), “se salvando de uma forte repressão”, uma vez que os militares entraram no escritório onde a revista era editada e “colocaram pressão” naqueles que permaneceram por lá

A experiência adquirida no comitê editorial de *Los Libros* foi fundamental para o projeto coletivo que se inicia em 1978 em torno da revista *Punto de Vista*. Com o encerramento de *Los Libros*, Beatriz Sarlo, Carlos Altamirano, Ricardo Piglia e outros intelectuais de esquerda, formaram um grupo de estudos informal sobre a literatura produzida na Argentina, que ficou conhecido como “El Salón Literario”. Eles tinham, de acordo com Altamirano (2017), tanto um impulso militante quanto a ideia de juntar os colegas contrários à ditadura e retomar a atividade intelectual que estava paralisada. Após pouco mais de um ano nesse grupo de estudos de poesia e literatura, surgiu a ideia de organizar uma revista, e receberam o apoio da organização de esquerda “Vanguardia Comunista”, que ajudou o financiamento e distribuição dos três primeiros números.

Foi assim que *Punto de Vista* surgiu de modo marginal em março de

1978, com a aposta de permanecer fiel às responsabilidades sociais dos intelectuais, divulgando questões da história literária e intelectual argentina, promovendo debates culturais, bem como servindo de espaço para a atualização dos novos métodos críticos e teorias sociais que surgiam. Como a sociedade argentina ainda era controlada pelo Estado autoritário, que impunha restrições aos intelectuais de esquerda, nos primeiros números da revista os ensaios muitas vezes não apresentam os nomes de seus autores, ou os textos são assinados por pseudônimos. Apenas no décimo-segundo número, em 1981, o grupo de intelectuais que dirigia a revista é oficialmente apresentado, dentre os quais Maria Teresa Gramuglio, Carlos Altamirano, Hugo Vezzetti, Ricardo Piglia e Beatriz Sarlo – diretora da revista de seu início até o encerramento em 2008.

O editorial que apresenta o grupo defende a liberdade do pensamento crítico e a ampla circulação de ideias na Argentina, elementos que caracterizam os primeiros números da revista durante o regime militar. Esses primeiros números colocaram em circulação diversos materiais, tais como: análises de autores-chaves para a literatura e a historiografia argentina; resenhas de obras literárias que estavam sendo lançadas (ou traduzidas); observações sobre teorias sociais contemporâneas, notadamente trabalhos de Pierre Bourdieu; comentários sobre filmes (nacionais ou estrangeiros); entrevistas com importantes intelectuais latino-americanos (como Antonio Candido, Ángel Rama e Antonio Cornejo Polar) ou ingleses (como Raymond Williams e Richard Hoggart); textos que debatiam o vínculo entre prática intelectual e política; reflexões acerca da cultura popular e da cultura de esquerda (e suas relações com as variações do peronismo) etc.⁹ Ao trazer novidades para a cena intelectual argentina, a revista foi se firmando, na perspectiva de Sarlo (2017), como um novo “campo intelectual”.¹⁰

⁹ Vale notar que os primeiros números da revista podem ser compreendidos do ano de 1978 até 1983, quando se abre um novo momento da revista, com a incorporação de intelectuais que retornavam do exílio.

¹⁰ Em conversa com Sarlo (2017), ela argumentou que no processo de redemocratização da sociedade argentina, entre 1983 e 1984, o suplemento “Cultura y Nación”, do jornal *Clarín*, utilizou a ideia de novo “campo intelectual” argentino para se referir à revista. A expressão, cuja referência se encontra na obra de Pierre Bourdieu, foi considerada uma vitória entre os integrantes de *Punto de Vista*, uma vez que eles foram responsáveis por colocar em circulação traduções da obra do sociólogo francês. Os integrantes da revista se orgulhavam e acreditavam dar um passo adiante em relação à geração da revista *Contorno* (1953-1959), composta principalmente pelos críticos David Vinãs e Adolfo Prieto, considerada a maior referência entre eles para pensar a cultura e a literatura argentinas.

Além de se configurar como espaço para a atuação intelectual e divulgar teorias que pouco circulavam para um público mais amplo, as experiências adquiridas nos grupos editoriais e nas revistas, em particular em *Punto de Vista*, serviram para Sarlo e para seus colegas como uma forma de pós-graduação (SARLO, 2009), devido a um projeto de estudo sistemático acerca dos modos de se falar sobre literatura e sociedade / cultura e política e, mais especificamente, sobre os desafios de pensar a formação da literatura argentina. Foi nesse período que revisaram leituras em torno da crítica literária e cultural de inspiração marxista (como Jean-Paul Sartre, Antonio Gramsci, Georg Lukács, Theodor Adorno, Raymond Williams), e traduziram nomes como do sociólogo francês Pierre Bourdieu.

Com a redemocratização da sociedade argentina, e concomitantemente a atuação em *Punto de Vista* e no Centro Editor, Sarlo foi convidada a concursar à Cátedra de Literatura Argentina II, no curso de Letras da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires. Quando ingressou na universidade como professora, em 1984, a crítica tinha um currículo qualificado por ela de “particular”, uma vez que saiu da universidade em 1966 e realizou uma trajetória em circuitos que não eram caracterizados pelas especialidades acadêmicas (SARLO, 2017). A partir daquele momento passava a dirigir teses de doutorado sem ter feito uma tese, e dava aulas com a experiência adquirida em cursos clandestinos que ela e seus colegas de *Punto de Vista* organizaram durante a ditadura.¹¹

Na UBA, Sarlo ensinou literatura argentina inspirando-se nas leituras realizadas nos “circuitos alternativos” dos quais fez parte, fazendo com que tais leituras ganhassem um “canal institucionalizado” (SARLO, 2017). Além dos formalistas russos e dos estruturalistas (notadamente Roland Barthes) que eram seus objetos de formação na época da graduação, entre os autores que figuravam entre suas sugestões de leituras estavam Walter Benjamin, Raymond Williams, Pierre Bourdieu, Antonio Candido, Jean-Paul Sartre, Antonio Gramsci etc. Os autores argentinos estudados vão de Domingo Faustino Sarmiento aos clássicos do século XX, como Ezequiel Martínez Estrada, Victoria Ocampo, Jorge Luis Borges, Roberto Arlt, Julio

¹¹ Os resultados mais sistematizados de seu primeiro projeto de pesquisa individual se encontram no livro *El império de los sentimientos* (2011 [1985]), amparado com bolsa de pesquisa em Nova York, entre 1982 e 1983. Esse livro, segundo Sarlo (2017), a qualificou para assumir a Cadeira de Literatura Argentina na Universidade de Buenos Aires e foi apresentada como uma espécie de tese de doutoramento.

Cortázar, Juan José Saer etc.¹²

Acompanhando alguns momentos-chave das trajetórias de Roberto Schwarz e de Beatriz Sarlo, nota-se que, filhos de imigrantes, ambos tiveram uma formação diferenciada na infância e na adolescência, que os permitiu pensar seus países com um duplo olhar: de dentro da experiência brasileira e argentina, com um olhar para fora, incorporando a tradição cultural europeia. Também chama atenção o caminho *quase inverso* que trilharam. Enquanto Schwarz teve uma *formação acadêmica formal* e sua trajetória intelectual esteve ligada à universidade, perfazendo um caminho das ciências sociais à crítica literária; Sarlo, com uma formação em Letras e “mais irregular” em circuitos intelectuais alternativos, foi se aproximando do ponto de vista sociológico em *leituras informais e coletivas* para aprofundar os diálogos entre a produção das ideias, sua circulação e os processos sociais mais amplos.¹³

Em que se pese as diferenças entre os caminhos que os críticos trilharam e os contextos periféricos nos quais estão inseridos, ambos vão construindo, cada qual com um conjunto de inspirações teóricas, modos de se falar sobre a sociedade a partir da literatura (ou outros objetos de cultura). A noção de *crítica* com a qual trabalham em seus ensaios, livros e notas de intervenção em jornais e revistas, lembra a proposta de Walter Benjamin (1999), para o qual, mais do que interpretação, a crítica reconstrói e, se necessário,

¹² Desde sua aposentadoria na UBA em 2003, Sarlo tem participado de encontros e seminários em diversos países para falar sobre cultura e política na Argentina e na América Latina. Além disso, tornou-se figura constante nos periódicos e nos programas de televisão para debater problemas contemporâneos (notadamente questões políticas de seu país).

¹³ Nesse ponto é interessante notar um dado de pesquisa curioso. Vinda da área de Letras, nas grandes livrarias de Buenos Aires (quando há corredores de livros dedicados à crítica literária e aos chamados “ensayos argentinos”), os escritos de Beatriz Sarlo muitas vezes figuram entre as prateleiras da sociologia. Mesmo porque, a aproximação de Sarlo com temas caros a sociologia a leva para o campo da cultura, não se centrando apenas na análise literária, mas também nas formas em que a cultura vai se manifestando na sociedade argentina em movimento. Essa é uma característica de livros como *El imperio de los sentimientos* (2011 [1985]), *Modernidad Periférica* (2010 [1988]), *La imaginación técnica* (1992), *Encenas de la vida posmoderna* (1994), *La máquina cultural* (1998), *Tiempo Presente* (2001), *Tiempo Pasado* (2005), entre outros. A análise da cultura, pensada em termos mais amplos, também aparece na obra de Roberto Schwarz, que ora se dedica a olhar a arquitetura, ora o teatro ou o cinema, em ensaios que compõem os livros *O pai de família e outros estudos* (2008a [1978]), *Que horas são?* (2012c [1987]), *Seqüências Brasileiras* (1999) e *Martinha versus Lucrécia* (2012). No caso do crítico brasileiro, contudo, a interpretação social via literatura, e especialmente a partir e por meio da obra machadiana, ganha centralidade.

complementa as obras analisadas. Apesar dessa afinidade eletiva, como se sabe, entre os diferentes críticos (e distintas tradições intelectuais) que se propõem a ler literatura e sociedade uma na outra, os encaminhamentos teórico-metodológicos possuem finas diferenças. Isso ocorre também entre Schwarz e Sarlo, sendo o primeiro mais próximo de um projeto crítico de inspiração marxista, e não por acaso seu ensaísmo é qualificado como “dialético”; enquanto a segunda mais próxima aos chamados Estudos Culturais, e tendo notas classificadas como ensaísmo “sociológico” ou “cultural”. Para qualificar mais atentamente esse ponto, vale chamar atenção para as principais inspirações mobilizadas nos trabalhos de ambos e os pontos de partida metodológicos a partir dos quais constroem seus ensaios.

No caso do crítico brasileiro, perquirindo as pistas deixadas tanto em seu Memorial (1986) como no prefácio de *Um mestre na periferia do capitalismo* (2012d [1990]), observa-se três principais linhas de inspiração para suas reflexões literárias: (i) os pontos de vista sobre a experiência do romance na literatura brasileira desenvolvidos por Antonio Candido; (ii) a interpretação histórico-sociológica das formas praticada pela “tradição contraditória” formada por Lukács, Adorno, Benjamin e Brecht; e (iii) as explicações históricas feitas por Erich Auerbach a partir dos textos literários.

Do ponto de vista teórico-metodológico, o crítico é claro quando ao seu alicerce: o estudo social das formas literárias. A partir da ideia de “forma”, mobilizada tanto por seu professor Antonio Candido quanto pela tradição “contraditória”, Schwarz (2012c, p.141) anuncia a tarefa do crítico como “a capacidade de construir o processo social em teoria”, mediante uma análise dialética das formas literárias e do processo social, uma vez que “antes de intuída e objetivada pelo romancista, a forma que o crítico estuda foi produzida pelo processo social, mesmo que ninguém saiba dela”. Assim, o crítico precisa descobrir (isto é, pressentir e depois explicar), na constelação de temas e de problemas figurados nos romances, aqueles que são os mais significativos do processo histórico, ou seja, *as formas* que contêm as mediações (estéticas e sociais) a partir das quais é possível sentir a “totalidade” da vida social. Para desvendar o processo social figurado nas obras literárias, o crítico se inspira em análises desenvolvidas por integrantes do “Seminário de Marx” e por outros trabalhos realizados na Universidade de São Paulo que procuravam entender o “atraso” do país como parte da atualidade do capitalismo mundial (cf. RICUPERO, 2013; TRESOLDI, 2017).

No que se refere aos trabalhos de Sarlo, por outro lado, suas inspirações teóricas e metodológicas para a análise da literatura (e de modo mais amplo da cultura) são, por assim dizer, mais “diversificadas”. A crítica argentina salienta no prefácio de *Modernidade Periférica* (1988) a importância decisiva que os ensaios de Roland Barthes, Raymond Williams e Walter Benjamin têm na construção de suas notas sobre literatura, cultura e política. Com o sugestivo título *Plan de operaciones* (2013), Sarlo reúne no livro um conjunto de ensaios em que aponta alguns pensadores (e algumas ideias e conceitos) que servem como um “baixo contínuo” em seus escritos – os quais, mesmo que não sejam citados, sustentam seus argumentos – dentre os quais, novamente Barthes e Benjamin, mas também Jorge Luis Borges, Susan Sontag, Pierre Bourdieu e outros autores da órbita da Teoria Crítica, como Adorno. Além desse conjunto de “dívidas intelectuais”, Antonio Candido é uma figura sempre lembrada por ela, bem como as tradições intelectuais argentinas, em particular os críticos David Viñas e Adolfo Prieto, vinculados a revista *Contorno*, que abriu novos caminhos para a intelectualidade de esquerda na Argentina.

A partir e por meio desse vasto conjunto de autores, de temas, conceitos e problemas teórico por eles elaborados, Sarlo olha para o campo intelectual de seu país com vistas a procurar continuidades e descontinuidades entre as tradições. Ao longo de sua trajetória é possível identificar diferentes momentos nos quais ela se questiona sobre modos e possibilidades de se ler a literatura, e sua preocupação se concentra no “caráter social do texto literário”, já que a literatura figura elementos centrais do mundo social. Em linhas gerais, a crítica observa que em um mundo laico, “abandonado por deuses”, não há muitos outros discursos que possam ter rendimento analítico como a literatura, a arte e as matérias da cultura, ou seja, há uma aposta central nas artes e na cultura como vias para construção de projetos para uma reforma progressista da sociedade.¹⁴

¹⁴ As primeiras reflexões de Beatriz Sarlo sobre os modos de se falar sobre literatura foram desenhadas em alguns livros compilados e escritos por ela e Carlos Altamirano entre 1977 e 1983. No Centro Editor de América Latina, eles organizaram *Literatura y Sociedad* (1977) e redigiram *Conceptos de Sociología Literaria* (1980). O primeiro livro é precedido de uma introdução na qual os críticos explicam o que seriam trabalhos produzidos em torno de uma “sociologia da literatura”, e são selecionados textos de Georg Lukács, Lucien Goldmann, Pierre Bourdieu, entre outros, como exemplares na tarefa de problematizar as relações entre literatura, cultura e sociedade. O segundo escrito, por sua vez, é um compêndio dos léxicos importantes

Considerando as diferentes inspirações teóricas de Roberto Schwarz e de Beatriz Sarlo, sugere-se que é a partir e por meio do diálogo com esse conjunto de autores – isto é, a partir de “trocas” (literárias, teóricas e empíricas) –, que ambos desenham seus próprios projetos críticos de investigação social e cultural. Com programas de pesquisa que possuem pontos de contato, mas também suas finas diferenças, interessa notar que se tratam de *ensaístas independentes*, cuja originalidade crítica é olhar para os desafios teóricos e os dilemas empíricos de seus respectivos contextos “periféricos”, procurando construir um “*espaço novo*” para a “crítica”, cujas linhas de força reverberam as tradições estabelecidas.¹⁵ É a partir dessa imaginação crítica que se debruçam sobre o estudo de Machado de Assis e Jorge Luis Borges, escritores-chaves das literaturas brasileira e argentina.

para o estudo nesse campo de trabalho. Além desses pequenos livros, ao redor da revista *Punto de Vista* os críticos desenvolveram projetos autônomos, com “marcas acadêmicas”, e de longa investigação, reunidos mais tarde em *Literatura / Sociedad* (1983) e *Ensayos argentinos: de Sarmiento a la vanguardia* (2016 [1983]). O conjunto destes escritos, embora diferentes entre si, fiam-se na tarefa comum de refletir sobre “o caráter cultural-simbólico do social por meio da literatura”. O primeiro livro expressa, já em seu título, a dívida intelectual com Antonio Candido, de que o tecido das perspectivas sociais é indissociável do ato de elaboração da crítica. No apêndice do livro é incluído um texto do crítico brasileiro como um exemplo de “leituras sociológicas” que Sarlo e Altamirano procuram levar a sério em seus trabalhos de crítica literária. Além do ensaio de Candido, reúnem também textos do uruguaio Ángel Rama e do argentino David Viñas, de modo a estabelecer um circuito de afinidades eletivas para pensar as mediações entre literatura e sociedade no cenário latino-americano. O segundo livro, por sua vez, é composto por um conjunto de ensaios em que os autores pensam o processo literário argentino, as questões da cultura letrada no país e da formação da identidade nacional como tema e como problema no decorrer do século XX.

¹⁵ Toma-se emprestada a ideia de Edward Said (1983), segundo a qual os textos são “mundanos” e as afiliações teóricas fazem parte da “mundaneidade do texto”. Seguindo essa linha, nenhuma geração se constrói de um marco zero e, portanto, os autores e escritores ressoam e reverberam as tradições intelectuais com as quais dialogam. Mas, ao mesmo tempo, um novo olhar crítico para o mundo e para os textos tem a capacidade de construir “algo novo”. Nesses termos, apontar algumas das “trocas” que os críticos “periféricos” estabelecem com outros autores é uma via para observar como se leem e se reinventam no chão latino-americano, quer dizer, brasileiro e argentino, teorias literárias e sociais produzidas a partir de outros contextos. Mesmo porque, o escritor e o intelectual latino-americano, nas linhas propostas por outro crítico brasileiro que dialoga criticamente com Schwarz, está sempre pensando “a partir de uma meditação silenciosa e traiçoeira” das formalizações textuais e da experiência europeia, aderindo-as, recusando-as ou combinando-as, mas criando “*algo novo*” (cf. SANTIAGO, 2000).

Periféricos por comparação

“Se queres ser universal, começa por pintar a tua aldeia”.

Leon Tolstói

Talvez a aproximação mais instigante que se pode estabelecer entre Roberto Schwarz e Beatriz Sarlo é que ambos se dedicaram ao estudo de dois escritores fundamentais da literatura de seus países. Enquanto Schwarz tem nos *romances* de Machado de Assis, produzidos no final do século XIX no Brasil, seu objeto empírico de estudo, Sarlo se dedica à análise dos *contos* de Jorge Luis Borges, escritos na primeira metade do século XX na Argentina. Esses escritores, centrais na literatura de seus países, ocupam posições diferenciadas, já que Machado é considerado quase uma unanimidade no cânon brasileiro, enquanto Borges desperta “amor e ódio”, “denúncia e fascínio” em seu país, para usar as expressões de Sarlo (2005). De certo modo, os críticos se inserem nos debates e nas polêmicas suscitadas por diferentes leituras sobre os escritores, sejam leituras nacionais ou estrangeiras.

Além disso, é igualmente instigante a ideia de “periferia” aparecer no título dos principais trabalhos de ambos: *Um mestre na periferia do capitalismo* é publicado em 1990 por Roberto Schwarz, como continuidade de *Ao vencedor as batatas*, de 1977; e *Jorge Luis Borges: um escritor na periferia*, é publicado por Sarlo em 1993,¹⁶ a partir de questões colocadas em *Modernidade Periférica*, de 1988 (os grifos são meus). Mais do que um termo no título de seus livros, esse artigo argumenta que as ideias sobre a “periferia” (ou “as periferias”) é um dos fios condutores a partir do qual os críticos investigam seus objetos de estudo. Senão, vejamos.

Nos ensaios *Ao vencedor as batatas* (2012a [1977]) e *Um mestre na periferia do capitalismo* (2012d [1990]), Schwarz parte da impressão de que a ironia ou o humor de Machado de Assis seriam “brasileiros”. Para o crítico, essa não era uma visão corrente nas leituras feitas sobre os romances machadianos, uma vez que o escritor fluminense era considerado “o maior” mas “o menos brasileiro” dos escritores (cf. SCHWARZ, 2008b). Com essa hipótese, no

¹⁶ O livro foi publicado primeiramente em inglês, com o título *Jorge Luis Borges: a writer on the edge*. No mesmo ano foi vertido e revisto pela autora para a edição argentina, sob o título de *Jorge Luis Borges, un escritor en las orillas*. Na tradução do livro ao português foi utilizada a ideia de periferia para não perder o sentido atribuído por Sarlo, e por Borges, em que se articula não apenas o âmbito urbano, mas também o social, o político e o cultural. p. 369.

primeiro livro o crítico analisa o início do romance brasileiro nas obras de José de Alencar e da primeira fase de Machado, e no segundo, demonstra como a forma machadiana se alterou em “uma segunda fase” e o romancista se tornou um dos grandes cânones da literatura brasileira.

Para introduzir o estudo dos primeiros romances brasileiros, Schwarz problematiza qual é a “matéria local” que dá suporte a literatura, o que significa analisar os impasses e os dilemas enfrentados pela sociabilidade brasileira após o processo de Independência (1822). Nessa sociabilidade, no argumento do crítico, combinavam-se as lógicas do ideário liberal europeu – como “a autonomia da pessoa, a universalidade da lei, a cultura desinteressada, a remuneração objetiva, a ética do trabalho etc.” –, com uma sociedade composta por escravos e por homens livres pobres que dependiam do favor da classe proprietária. A combinação de liberalismo, escravidão e relações de clientela, de acordo com Schwarz, produziam uma sensação de aparente contradição da modernidade que tomava forma no país, ou melhor, produziam uma “comédia ideológica”, que nos integrava a “ordem moderna” por uma via de acesso marcada pela desigualdade extenuante, pela exclusão e tendo nos privilégios e no favor “nossa mediação quase universal” (SCHWARZ, 2012a, p.16). É esse o chão histórico que, nas palavras do crítico, Machado de Assis soube ordenar na segunda fase de sua obra.

Os primeiros romances do escritor e de seus predecessores indicam, no entanto, que a “importação do romance” no país, em particular sua via realista, caminhou com dificuldades, já que os “grandes temas” que marcavam a forma do romance europeu, como “o cortejo de sublimes viscondessas, arrivistas fulminantes, ladrões ilustrados, ministros epigramáticos, príncipes imbecis, cientistas visionários”, não combinavam com a “cor local” (SCHWARZ, 2012a, p.37). Um dos exemplos da dificuldade de “aclimatação” dos romances são as obras de José de Alencar, nas quais os núcleos das personagens não convivem no mesmo plano da narrativa, já que ora fazem parte de um universo interessado nos problemas do liberalismo, das ciências, ora fazem parte do mundo da escravidão e das relações de favor.

Os romances machadianos da chamada “primeira fase”, como *Ressurreição* (1872), *A mão e a luva* (1874), *Helena* (1876) e *Iaiá Garcia* (1878), também trabalham com uma certa “incongruência” entre a forma do romance europeu e a matéria local brasileira, mas, para Schwarz, o arranjo formal já guarda alguma diferença com Alencar, uma vez que eles trazem

na composição a marca da dependência do país e de uma formação social particular, aliados a um deliberado e desagradável conformismo. Se, num primeiro momento, os contos machadianos eram marcados pela ideologia liberal, “ávidos pelas ideias de progresso e de igualdade”, Schwarz observa seus primeiros romances já se alimentam da ideologia antiliberal, de modo que as generalizações libertárias próprias ao individualismo romântico estão à margem dos livros, que retratam algumas das injustiças e dos impasses sociais do país.

O conjunto desses romances, para Schwarz, avança em uma crítica ao paternalismo e as relações sociais construídas pela mediação do favor, mas como assume “o ponto de vista dos dependentes”, corrigindo as injustiças sociais na vida privada, não desnudam a complexidade do caráter arbitrário e violento do paternalismo. A partir do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1880), na leitura que Schwarz desenvolve em *Um mestre*, Machado de Assis provoca uma inversão. Percebendo que as classes proprietárias detinham a “posição forte” na sociedade e expressariam por meio de suas relações a “totalidade da vida social”, Schwarz observa que Machado passa a assumir “o ponto de vista dos de cima”, encarando o arbítrio paternalista não apenas a partir da perspectiva dos dependentes, cuja posição fraca e limitada não os liberta da lógica de clientela, mas formalizando esteticamente o destino que o indivíduo burguês traçava na periferia.

A preocupação de Machado em ser “homem de seu tempo” e “de seu país”, segundo Schwarz (2012d), faz com que o escritor “capte e dramatize” o movimento contraditório que conduz a estrutura do país na forma de um narrador volúvel – que põe o figurino do gentleman moderno, tira-o e volta a colocá-lo –, adotando uma posição “insustentável” de dominação de classe no país, ao mesmo tempo de “aceitação comum”. Trata-se de “narrador voluntariamente inoportuno e sem credibilidade” (SCHWARZ, 2012d, p.19, grifos do autor), que busca chamar a atenção de todas as formas, com artifícios, provocações que se sucedem, tomando a graça e a profanação como afronta – da qual a ideia de “defunto autor” é exemplar. Sendo cínico e irônico em alguns casos, indiscreto ou charlatão em outros, o narrador parece um camaleão que muda de assunto, de opinião, de estilo em cada frase.

A desfaçatez do narrador machadiano, ao combinar formas arcaicas e modernas, desigualdades e privilégios, demonstram, na leitura de Schwarz, que a ligação do Brasil com o “mundo moderno” se dava de maneira pouco civilizada, *aparentemente atrasada*, mas com um atraso ancorado

em ideias, ornamentos e instituições modernas, “o que naturalmente mostrava o progresso por um flanco inesperado” (SCHWARZ, 2012d, p. 37). Afinal, sem querer abrir mão do “Ocidente progressista e culto” (isto é, da norma), as elites brasileiras tampouco queriam abrir mão “da prática do favor e do trabalho escravo” (isto é, da infração), compondo um “quadro de ambivalências” que se faz sentir em todas as esferas da vida social. Percebendo esse quadro de ambivalências, misturando a estrutura romanesca com inspiração em diversos procedimentos – como a forma biográfica, a forma do romance romântico e o naturalismo –, Machado produz, no argumento de Schwarz, sua originalidade *crítica, complexa, dialética e negativa*.

Em relação às interpretações da obra de Jorge Luis Borges, Beatriz Sarlo começou a desenhá-las no livro *Modernidade Periférica* (2010 [1988]). Partindo de uma visão corrente de que Borges pouco (ou nada) teria a ver com a história nacional argentina, a crítica buscará desconstruí-la em *Jorge Luis Borges, um escritor na periferia* (2008a, [1993]), demonstrando como esse escritor se ocupou dos temas nacionais desde a juventude, já que, ao se intrigar com o progresso vertiginoso e com a decadência de bairros tradicionais de Buenos Aires, formalizou aquela experiência em seus contos e escritos, articulando tais experiências às formas mais consagradas da literatura ocidental.

As primeiras leituras mais sistematizadas de Sarlo sobre Jorge Luis Borges aparecem em *Modernidade Periférica*, livro que busca compreender a modernidade europeia e o que Sarlo qualifica de “diferença rio-platense”. Nesse trabalho, a crítica argentina acompanha a modernização acentuada e acelerada de Buenos Aires entre os anos de 1920 e 1930, e as formas através das quais o Modernismo se manifestou. Na leitura da crítica, essa cidade, que muitos viajantes consideram monótona, é um acontecimento para Borges, e ele procura nomear as “ausências” e os “fantasmas” da cidade que conheceu em sua infância, ou, em outros termos, o escritor procura olhar para as “margens” entre a cidade moderna – inspirada em ornamentos e ideias da modernidade europeia – e a planície dos pampas.

Observando tanto aspectos estéticos presentes nas literaturas produzidas nas primeiras décadas do século XX, quanto a dinâmica da vida intelectual apresentada em revistas de grande circulação nas cidades argentinas, Sarlo indica que a modernidade que toma forma em Buenos Aires está livre dos “constrangimentos nacionais”, o que, em alguma medida, guarda um aspecto positivo. Ocorre, no entanto, que essa modernidade (política

e cultural) é marcada por uma insensibilidade com a problemática local, funcionando como um “universalismo vazio”. Nesse sentido, o conceito de “modernidade periférica” arma o problema de compreender o modo como arcaico e moderno, campo e cidade, nacional e estrangeiro, imbricam-se nos processos de modernização pelos quais a Argentina passou no início do século XX.

As “periferias” analisadas por Sarlo no livro, a real e as simbólicas, permitem construir o argumento de que esses processos de modernização misturavam intensa urbanização – com projetos urbanos de diferentes países europeus e das cidades de Chicago e de Nova York –, alfabetização, crescimento da mídia impressa etc., com contradições de fundo, indicando uma aparente “inadequação das ideias importadas”. Dentre as principais contradições, segundo Sarlo, o Estado e as instituições se deslocam na “direção das margens do crime” ou “socialmente para cima”, na direção do “mundo dos senhores”, que continuam praticando o duelo como “privilegio cultural de classe” (cf. SARLO, 2010). Em outras palavras, a cidade de Buenos Aires, uma grande capital da “periferia” de um capitalismo em expansão, compõe-se de fragmentos copiados da realidade europeia ou norte-americana, nos quais as formas e ideias foram aclimatadas “à força” em um ambiente político, cultural e social distinto do qual foram pensadas.

A consequência desse processo de modernização acentuado, no argumento da crítica, é a formação de uma “cultura de mesclas”, tema que repercute na literatura local de diferentes modos e é amplamente abordado no interior do argumento borgeano, que apresenta resoluções formais para os dilemas que se apresentam em torno do local e do universal, posicionando-se com “astúcia, nas margens, nas dobras, nas zonas obscuras das histórias centrais” (SARLO, 2010, p.92). A biografia de Borges, como narra Sarlo em *Jorge Luis Borges, um escritor na periferia*, é plasmada pelas perguntas: “o que fazer com o fato de ser argentino?”, “como é possível escrever literatura na Argentina?”. Essas questões que alimentam os primeiros escritos, contos e ensaios do autor entre os anos de 1920 e 1930, se fazem sentir na ficção de Borges até seus últimos livros de 1970 e dão “tom nacional” a sua literatura.

Na infância e adolescência, durante a Primeira Guerra Mundial, Borges é educado na Suíça e é formado pelos livros ingleses da biblioteca familiar. Olhando para um passado *criollo*, Sarlo (2008a) argumenta que Borges quer evitar as armadilhas da literatura local, que só produzia uma “literatura particularista”, mas, ao mesmo tempo, não renuncia à densidade cultural de sua nação periférica: formada nas sagas familiares, nas guerras civis, nas

lutas entre índios e brancos. Instalados nas *orillas*, ou seja, entre campo e cidade, nas margens entre a cultura de uma “nação periférica” e a cultura ocidental, entre diferentes gêneros literários, entre diferentes línguas, e se sentido estrangeiro em todos os espaços, a originalidade operada por Borges é armar uma problemática cultural para esse “lugar excêntrico” que é seu país (SARLO, 2008a).

Se as “*orillas*” representam um espaço geográfico entre as planícies e as primeiras casas de Buenos Aires em 1900, ou seja, entre campo e cidade; não deixam de ser também um espaço social, político e cultural ocupado por uma nação nova e “periférica”, na qual vão se imprimindo marcas de distância – mas também de imitação – da cultura europeia. Em outros termos, um espaço permeado por tensões ideológicas, históricas e estéticas. Do mesmo modo que as “*orillas*” são importantes para as formalizações estéticas operadas por Borges, “às margens” / “a periferia” assume uma função heurística na obra de Beatriz Sarlo, aparecendo como tema e como problema: não se referem apenas a um lugar geográfico, elas configuram também um *modo* de olhar para a heterogeneidade que constitui os projetos sociais e políticos da modernidade.¹⁷

Acompanhando os argumentos de Schwarz e de Sarlo, nota-se que Machado e Borges refletem, cada um à sua maneira, ao seu tempo, em seu país e em sua língua, sobre os dilemas e as tensões entre as ideias e formas europeias e a empiria local, de modo que suas obras se tornam materiais para compreender as respectivas sociedades: *periféricas*, em que arcaico e moderno se interpenetram e formam “nossa” modernidade. A possibilidade de interpretar o país a partir de suas obras se deve ao fato de que esses escritores, ao lerem a tradição literária anterior de seus países, cuja característica principal era figurar “a cor local”, procuraram superar as armadilhas criadas por tais tradições, reivindicando a “universalidade das

¹⁷ É possível perceber uma espécie de “duplicidade” sobre a problemática da “periferia” nos escritos de Sarlo aqui recuperados (duplicidade que, vale chamar atenção, não aparece na obra de Roberto Schwarz). Jogando com o tema da composição da população argentina por meio da imigração e da modernização das cidades, Sarlo sinaliza “às margens” / “as *orillas*”, como tema central a ser enfrentado para compreender a formação nacional de seu país. Não obstante, “a periferia” (de um capitalismo em expansão, de modo semelhante ao do crítico brasileiro) aparece também como problema teórico para diferenciar a modernidade europeia daquela que toma forma no “Río de la Plata”, isto é, a periferia também é o espaço em que o moderno e atrasado se combinam de modo necessário. Costa se baseia no artigo de Kramer (1991).

matérias”, sem, entretanto, deixar de olhar para seu tempo histórico e seu país. O que significa, do ponto de vista estético, formalizar tanto a problemática nacional quanto as múltiplas *trocas* do local com outras culturas e suas assimilações (em que se pese especialmente a cultura ocidental, herança de dos processos de colonização). Em termos mais amplos, Machado e Borges, em seus contextos periféricos distintos e em tempos também diferentes, tensionam os dilemas entre o local e o universal, o nacional e o cosmopolita e, por isso, seriam escritores-chaves na “periferia” do capitalismo.

Nesse ponto, considerando que as ideias operam como “forças sociais reflexivas” (cf. BASTOS; BOTELHO, 2010), circunscreve-se como hipótese de leitura que, na análise desenvolvida por Schwarz e Sarlo, a ideia de “periferia”, por um lado, refere-se um *lugar social* – a um só tempo um espaço físico, político e cultural – a partir do qual o escritor brasileiro e o argentino produziram suas obras. Por outro lado, essa ideia assume uma conotação para além do espaço, expressando-se, para os críticos, como um *desafio analítico*. Dito de outro modo e em uma chave de leitura preliminar, sugere-se que a ideia de periferia possui uma dupla dimensão na interpretação social e literária que os críticos fazem das obras de Machado e Borges: é tanto um *espaço social* em que se desenvolveu uma certa forma do capitalismo, resultado de um processo de colonização, como é um *meio* pelo qual se pode compreender a heterogeneidade da experiência da modernidade.¹⁸

De modo mais preciso, na leitura de Schwarz, Machado produziu uma forma literária para explicar as particularidades da experiência brasileira nos Oitocentos, interpretando a sociedade em sua heterogeneidade, dependência, desigualdade e especificidade diante do quadro geral traçado pelo capitalismo. Nessa interpretação, a modernidade no Brasil não alimenta ilusões, “ela só lhe aumenta a miséria, pois, sem elogiar o atraso, desqualifica o progresso de que aquele faz parte” (SCHWARZ,

¹⁸ Toma-se emprestada, de certo modo, a perspectiva levantada por Elide Rugai Bastos (2002), segundo a qual a problematização da periferia como *método de análise* da realidade social é cara ao pensamento tecido pela “escola sociológica paulista”, em particular, por Florestan Fernandes e o grupo de seus assistentes (perspectiva do qual Schwarz é em parte tributário). No argumento da autora, a partir dos anos de 1960 o termo assume uma conotação para além do espaço, tornando-se um desafio metodológico para pensar os sentidos da emancipação (e seus obstáculos estruturais) nas margens do sistema. Utilizando esse aporte teórico-metodológico se “compreende os conflitos sociais em sua heterogeneidade”, levando em conta “a dinâmica arcaico-moderno e pobreza-riqueza”, e considerando que a partir da periferia se verifica os princípios que estruturam o movimento da sociedade (BASTOS, 2002, p. 198).

2012d, p.185-186). Em linha semelhante, Sarlo atenta para o fato de que não há escritor mais argentino do que Borges. Escrevendo em um encontro de caminhos e cruzamentos da tradição ocidental com a tradição rio-platense, ele se interrogou “como ninguém sobre a forma da literatura numa das margens do Ocidente”, fazendo das “*orillas*”, das margens, da periferia, “uma estética” (SARLO, 2008a, p.16). Por isso, sua obra não se instala, segundo a crítica, nem no *criollismo* vanguardista de seus primeiros livros nem na erudição heteráclita de seus contos, falsos contos, ensaios e falsos ensaios. Ao contrário, nos escritos de Borges se encontram a “consciência de mescla” e a nostalgia de uma literatura (europeia) que um latino-americano nunca vive de todo como “natureza original” (SARLO, 2008a).

Nota-se, então, que nas interpretações tecidas pelos críticos, os dilemas e tensões entre local e universal, o “centro” e as “periferias” são explorados a partir da leitura de Machado e de Borges, sendo que o primeiro localiza suas obras no final do século XIX no Brasil, na passagem do Império à República, da escravidão ao trabalho livre; enquanto o segundo escreve em meados do século XX na Argentina, olhando para um processo de imigração, de rápida modernização e urbanização das cidades. Tratam-se de “*contextos periféricos*” analisados em *diferentes tempos*, mas o que interessa assinalar, para fins de comparação, é que Schwarz e Sarlo tomam o capitalismo e a modernidade, respectivamente, como *processo social* (ou seja, como um movimento geral e global), e analisam as tensões, oscilações e ambivalências desse movimento, que nas “periferias” produzem diferentes nexos de sentidos no conjunto da vida social, não apenas no passado, mas no presente das sociedades.

Chama atenção que os debates de Schwarz, em diálogo com seus colegas do “Seminário de Marx”, estão inseridos na tentativa de compreender o processo de reprodução estrutural do sistema capitalista, no qual a ideia de “atraso” é circunscrita aos avanços da sociedade do capital, de modo que o desenvolvimento brasileiro (mas também de outras ex-colônias) só pode ser marcado pela “modernização do atraso”. O que configura, tomando o todo, um “desenvolvimento desigual e combinado do capitalismo”. Sarlo, por sua vez, situa o debate sobre “modernidade periférica” a partir da perspectiva colocada nos trabalhos de Carl Schorshe (*Viena fin-de-siècle*, 1979) e de Marshall Berman (*Tudo que é sólido desmancha no ar*, 1982), e procura acompanhar o modo como as ideias, as formas e os ornamentos europeus vão sendo aclimatados no cenário rio-platense – observando a construção de uma “cultura de mesclas”, tema que repercute nos chamados “estudos culturais latino-americanos”. Noutras palavras, se no caso estudado pelo

crítico brasileiro busca-se compreender o que ocorre com as ideias liberais quando somadas à escravidão e às relações paternalistas, no caso estudado pela crítica argentina, visa-se compreender como as grandes cidades incorporaram centenas de imigrantes europeus e lidam com o passado “*criollo*”, criando um cenário de metamorfoses, cuja principal característica é a cópia, a imitação, a bricolagem – sem que, obviamente, da “cultura” periférica não se produzam soluções originais.

A partir dessas interpretações de Machado e de Borges, Schwarz e Sarlo dialogam não apenas com o debate no interior da tradição intelectual e da crítica literária de seus respectivos países, mas também com a crítica internacional. Em relação à crítica de seus países, procuram explicar a grandeza do clássico nacional, demonstrando que a composição literária dos escritores se faz por meio da formalização artística de uma certa experiência social. No plano da crítica internacional, tecem críticas às leituras que “universalizaram os autores”, mediante as quais a reputação internacional é estabelecida apenas pela “qualidade estética” de suas obras. Isso porque a “universalização” de certos autores, para Schwarz, faz com que eles apareçam como uma superioridade que foge à regra, e o sucesso internacional vem “de mãos dadas com o desaparecimento da particularidade histórica”, de modo que “o autor entra para o cânon, mas não o seu país, que continua no limbo” (SCHWARZ, 2012b, p.22). No argumento de Sarlo, por seu turno, a reputação mundial de Borges “o purgou-o de nacionalidade”, desconsiderando os autores e os contextos com os quais dialogou e com os quais promoveu suas rupturas literárias.

O problema da “universalização” dos autores, a partir dos pontos de vista traçados de modo tímido por Sarlo e radicalizado na leitura de Schwarz,¹⁹ demonstram que as questões e as dinâmicas que envolvem a consagração de obras e autores, não se prendem apenas a indagações estéticas e disputas no terreno do método de análise da literatura. Ao

¹⁹ É curioso notar que o livro de Sarlo sobre Jorge Luis Borges é resultado de conferências proferidas no exterior. Nas palavras da crítica: “o livro resulta de quatro conferências que dei na Universidade de Cambridge. (...) Ao falar precisamente ali, e em inglês, sobre Borges, tive uma sensação curiosa. No âmbito daquela universidade inglesa, uma argentina falava de um escritor argentino que hoje todos consideram ‘universal’ (...)” (SARLO, 2008a, p.13-14). O trecho inicia o ensaio de Schwarz “Leituras em Competição” (2006), reunido em *Martinha versus Lucrecia* (2012), na qual são discutidas as circunstâncias estéticas – mas também sociais e políticas – a partir das quais um autor como Machado é alçado à posição de cânone na literatura mundial.

contrário, a “consagração” literária (e teórica) também faz parte de “jogos de poder” em que se constroem as interpretações sobre os processos históricos. Nesse sentido, para falar como Schwarz, essas questões “têm uma dimensão política na geografia do mundo contemporâneo”, e uma dessas dimensões é o que o crítico brasileiro chama de “luta inconclusa” da ex-colônia por sua formação moderna, contra o subdesenvolvimento, o atraso, a marginalidade, a exclusão, a desigualdade etc. (CF. SCHWARZ, 2012b).

Ora, o que se coloca em questão por essa chave de leitura é a percepção de que as obras literárias (e culturais) também precisam ser compreendidas em seu contexto histórico, e que a crítica literária e a crítica de arte não são alheias à reflexão social, pelo contrário, são partes substantivas das interpretações. Nesse sentido, a presença de uma “cor local” nas obras de Machado e Borges não é mera ornamentação estilística e deve ser pesquisada em suas múltiplas conexões de sentido. Por isso, para os críticos, falar em “formas universais” (como são classificados os textos de Machado e Borges nas universidades centrais) só faz sentido se essas formas derem conta das matérias locais, ou seja, se retirarem as “matérias locais” de seu confinamento histórico e mostrar a constelação social, política e cultural de problemas que elas formam. Justamente nessa direção, a ideia de “periferia” – que aparece tanto em Schwarz quanto em um dos sentidos atribuídos por Sarlo – passa a ser não apenas uma “condição social”, mas também um desafio teórico e metodológico fundamental para problematizar e interpretar o chão histórico no qual certas obras foram pensadas.

Ao apostar nessas leituras de Machado de Assis e Jorge Luis Borges, sugere-se que na interpretação tecida pelos críticos se valoriza a periferia como um *lugar* indispensável (embora não exclusivo ou preferencial) para compreender o movimento geral da sociedade contemporânea. Se o cientista social e crítico literário brasileiro aposta na “viagem das ideias” e busca problematizar o descompasso entre as ideias produzidas no centro do capitalismo com a empiria do processo social periférico; a crítica argentina constrói – com finas diferenças e respeitando o primado de seu objeto – uma certa *leitura em paralelo*, na medida em que se utiliza da ideia de “modernidade periférica” como categoria analítica que permite delinear as tensões e os conflitos inevitáveis entre as diferentes culturas e sociedades. Nesses termos, assim como Machado e Borges não reduzem localismo e universalismo a essências particulares, Schwarz e Sarlo pensam e problematizam teoricamente o moderno e a periferia, ambos articulados

a partir e por meio de suas diferenças e desigualdades – que desnudam as contradições sociais, culturais, políticas e econômicas do desenvolvimento capitalista.

Pensando a periferia nesses termos, além de reconhecer que o lugar de onde se fala não é neutro e que existem diferentes respostas do que é ser periférico, há um duplo efeito para as ideias. Por um lado, é possível avançar na crítica ao universal como categoria, demonstrando (uma vez mais) que o moderno não tem um conteúdo fixo e ele também “está aqui” – como chama atenção Richard Morse (1988) ao falar sobre o “Novo Mundo”. Por isso, não faz sentido se questionar sobre a “hora histórica do país dependente”, tema tão caro ao pensamento social e político produzido no contexto latino-americano. Dito de outro modo, a potencialidade das ideias colocadas em circulação pelos críticos concorre ativamente para olhar o moderno (e também o periférico) a partir de outro ponto de vista, desnaturalizando a história universal e reconhecendo a complexidade das histórias locais.

Por outro lado, ao se questionar sobre cânones interpretativos a partir da “periferia” (Schwarz) e das margens (Sarlo), esse outro ponto de vista permite enfrentar a problemática do “descentramento da teoria” ou de seu “alargamento”, discussão em voga nas ciências sociais contemporâneas. Sem desconsiderar o hífen que liga historicamente “periferias” e centro, trabalhos como os de Schwarz e de Sarlo, a partir de diferentes prismas, permitem qualificar as assimetrias de poder que perpassam a produção e circulação do conhecimento em escala planetária. Se há novos modelos de relação cultural e intelectual entre os centros e as periferias no contexto da globalização, ainda é necessário perquirir as consequências dos efeitos diversos que as “ideias centrais” podem assumir em diferentes contextos. Diante disso, sugere-se que as formulações do crítico brasileiro e da crítica argentina podem oferecer ferramentas teóricas e metodológicas para interpelar o debate contemporâneo sobre a polarização do conhecimento entre países centrais e periféricos, uma vez que apontam, para usar as ideias de João Marcelo Maia (2009, p. 190), a importância de interpretar a matéria local associada à problemática da modernidade política, isto é, pensam “o moderno e o global de forma descentrada, sem reduzir a periferia a simples receptáculo do centro”.

Em poucas palavras, sugere-se como chave de leitura preliminar que, a partir dos pontos de vista de Schwarz e de Sarlo, temos pistas e indícios de como problematizar as dinâmicas mais gerais do capitalismo e da

modernidade vistas a partir das margens. Assim, a figura programática de Machado de Assis e de Jorge Luis Borges, homens do seu tempo, que pensam os problemas de seus respectivos contextos, é reafirmada por Roberto Schwarz e por Beatriz Sarlo por meio da figura de um *ensaísta crítico*, revelando a atualidade (analítica, teórica e metodológica) que os estudos comparados e produzidos a partir de contextos periféricos podem conferir à teoria social contemporânea.

Considerações Finais

“Um bom mapa vale mil palavras, dizem os cartógrafos,
e eles estão certos: porque ele produz mil palavras:
levanta dúvidas, ideias. Coloca novas questões e nos
força a buscar novas respostas.”

Franco Moretti

A despeito das diferenças entre as formações intelectuais de Schwarz e de Sarlo, é possível pensá-los como ensaístas independentes, que com imaginação crítica – e vinculados a importantes linhagens intelectuais de seus países (e para além deles) – não se circunscrevem às “especialidades” acadêmicas em sentido restrito, sem delas se desfazerem. Mesmo porque, no trabalho de ambos, é possível notar que o lugar da crítica é o presente histórico (construído sempre em relação com o passado, mas não deixando de olhar também para o futuro). Nesse sentido, é sugestivo olhar para a participação de Schwarz e Sarlo nas revistas em que fizeram parte em diferentes momentos de suas trajetórias intelectuais.

O crítico brasileiro fez (e continua fazendo) parte das revistas *Teoria e Prática* (1967-1968) e *Novos Estudos Cebrap* (1981 -), enquanto a crítica argentina foi uma das principais intelectuais ligadas aos projetos das revistas *Los Libros* (principalmente entre 1972 e 1976) e *Punto de Vista* (durante os noventa números em que a publicação foi lançada, entre 1978 e 2008). Em ambos os casos, tratam-se de um conjunto de publicações que procuram encontrar um *lugar para a crítica*, em contextos sociais marcados seja pela repressão aos intelectuais de esquerda (no contexto das ditaduras militares), seja no processo de redemocratização da sociedade a partir dos anos de 1980 (processos que até hoje não foram completados no Brasil e na Argentina).

A interface entre a produção das ideias e os processos sociais é diferente

nos dois contextos periféricos em que os críticos estão imersos, notadamente considerando a dinâmica da vida universitária. Mas há, em ambos os casos, a procura por *espaços críticos* em que se possa ler e discutir sobre temas e questões centrais que respondam, de algum modo, às dinâmicas da vida nacional. Não por acaso, Schwarz (2016) diz que “a crítica era viva na revista: uma atividade estimulante e exigente”, ao se referir à *Teoria e Prática*; enquanto Beatriz Sarlo (2008b) observa que *Punto de Vista* “foi a maior e mais constante influência sobre [sua] vida”, afinal, foi o espaço de diálogo coletivo e de formação de uma geração de críticos.

Recuperando Theodor Adorno, Edward Said (2004), que se sente um intelectual “fora do lugar”, argumenta que a casa própria, depois dos horrores da Segunda Guerra Mundial, tornou-se uma mercadoria descartável, e por isso “o exílio” é uma maneira de fugir do “mundo administrado”. Aqui, nota-se que há diferentes exílios reais e simbólicos para os intelectuais: o exílio do país que sente como seu (no caso de Schwarz, quando precisou deixar o Brasil na ditadura), mas também o exílio da universidade (no caso de Sarlo, que ficou às margens dos circuitos acadêmicos por quase duas décadas), o que estimula diferentes tentativas de se *encontrar um espaço para a crítica*, de se lutar pela prática de uma crítica política da cultura e pensar formas de resistir aos problemas sociais de seus contextos.

Seguindo essa trilha argumentativa, o *ensaio* pode, metaforicamente, ser pensado como um exílio para o crítico brasileiro e para a crítica argentina. Ainda que o ensaio seja uma prática comum entre diferentes vertentes da crítica literária, os sentidos que o ensaio assume nos trabalhos de Schwarz e Sarlo permite tomar como hipótese que, com o ensaio, eles saem do “mundo administrado” e *encontram a sociedade*. Ser ensaísta, no caso de Schwarz, é uma atitude provocadora, na medida em que ele se forma no momento de institucionalização da Sociologia como disciplina específica, e aposta na perspectiva dialética aventada por Adorno (2003), de que escreve ensaisticamente “quem compõe experimentando”, “quem vira e revira o seu objeto, quem o questiona e o apalpa, quem o prova e o submete à reflexão”. Com o ensaio, Schwarz se liga não apenas a essa “tradição contraditória” da crítica literária e cultural marxista, como também ao professor Antonio Candido e aos membros da revista *Clima* (1941-1944). Ser ensaísta, no caso de Sarlo, é se vincular a uma tradição intelectual que procura pensar a “Argentina como problema” – prática ligada aos intelectuais como Adolfo Prieto, David Viñas e outros – e refletir sobre como se formou certa cultura letrada e se começou a produzir imagens sobre o país; sem deixar de lado a

proposta de tomar o ensaio como um modo de ataque e de defesa na prática de uma cultura política, cujos novos contornos foram delineados também pela geração de intelectuais que dirigiu *Punto de Vista*.

No conjunto de seus ensaios, portanto, Schwarz e Sarlo ressoam as inspirações teóricas das quais alimentam seus projetos críticos, mas não deixam de construir algo novo, no qual pensam os desafios das sociabilidades construídas nos trópicos. Os trabalhos de ambos sobre Machado de Assis e Jorge Luis Borges, “marginais no centro e cosmopolitas nas margens”, para usar uma formulação cara a Sarlo, configuram esses momentos decisivos de suas trajetórias. De um lado, porque os tornaram reconhecidos internacionalmente e elevaram a uma nova fase a recepção crítica das obras de escritores-chaves do Brasil e da Argentina. De outro lado, porque os escritores analisados pelos críticos servem como uma instância para duvidarem do “localismo do local” e do “universalismo do universal”, como diz Schwarz (2012d), e pensarem os desafios empíricos e teóricos para analisar o hífen histórico que liga o centro e suas periferias.

Por fim, vale apontar que, ao levantar essas inquietações de pesquisa e recuperar críticos que não necessariamente compõem os currículos de Sociologia, propõe-se a construção de um movimento *às avessas*, delineado por Bernardo Ricupero (2013) em seu estudo sobre o crítico brasileiro. Se Schwarz e Sarlo incorporam instrumentos analíticos e teóricos tomados de empréstimos da Sociologia em suas notas críticas, talvez possamos fazer movimento inverso de integrar ferramentas da crítica literária e cultural nos pontos de vistas sociológicos, de modo não apenas a descrever e explicar os processos sociais contemporâneos preocupados com métodos bem definidos, mas também avançar com certa ousadia em novas proposições para uma agenda de pesquisa cuja preocupação seja a produção de um pensamento crítico e normativo. Trata-se, em outras palavras, de levar a sério a proposta de uma *sociologia crítica*, como propõe Josué Pereira da Silva (2017), reconhecendo que a teoria social avança com proposições mais democráticas quando ela incorpora as demandas sociais e políticas das “periferias” (sejam elas reais ou simbólicas) e ressignifica criticamente os cânones ocidentais, criando, assim, novos mapas teóricos e normativos para sentir, pensar e agir na sociedade contemporânea.

Referências

- ADORNO, Theodor W.
(2003). *Notas sobre literatura*. Madrid, Akal Ediciones.
- ALTAMIRANO, Carlos.
(2017). *Conversa com Carlos Altamirano*: cenas da vida intelectual argentina. Entrevista concedida a Maria Caroline Marmerolli Tresoldi e Flavia Xavier Merlotti Paniz. *Tempo social*. São Paulo, v. 29, n. 3, p. 333-348.
- ARRIGUCCI JR., Davi.
(2011). Entrevista com Davi Arrigucci Jr. Entrevista concedida a Luiz Carlos Jackson, Fernando Pinheiro Filho e Gustavo Sora. *Tempo social*. São Paulo, v. 23, n. 2, p. 163-188.
- BASTOS, Elide Rugai.
(2002). Pensamento Social da Escola Sociológica Paulista. In: MICELI, Sérgio (org.). *O que ler na ciência social brasileira, 1970-2002*. v. IV. São Paulo / Brasília – DF, ANPOCS / Ed. Sumaré / CAPES.
- BASTOS, Elide Rugai; BOTELHO, André.
(2010). Para uma sociologia dos intelectuais. *Dados*. Rio de Janeiro, v. 53, n. 4, p. 889-919.
- BENJAMIN, Walter.
(1999). *O Conceito de Crítica de Arte no Romantismo Alemão*. São Paulo, Iluminuras.
- BORGES, Jorge Luis.
(1975). *Prólogos com on prólogo de prólogos*. Buenos Aires, Torres Agüero Editor.
- CANDIDO, Antonio.
(2011). *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro, Ouro sobre Azul.
- (2010). *O discurso e a cidade*. Rio de Janeiro, Ouro sobre Azul.
- (2007). *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos 1750-1880*. Rio de Janeiro, Ouro sobre Azul.
- ESPOSITO, Fabio.
(2015). La crítica moderna en Argentina: la revista Los Libros (1969-1976). In: *Orbis Tertius*. v. XX, nº21, p. 1-8.
- GINZBURG, Carlo.
(1989). *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa / Rio de Janeiro, Difel / Bertrand Brasil.
- JACKSON, Luiz Carlos; BLANCO, Alejandro.
(2014). *Sociologia no espelho*: ensaístas, cientistas sociais e críticos literários no Brasil e na Argentina (1930-1970). São Paulo, Editora 34.
- MAIA, João Marcelo.
(2011). Ao Sul da Teoria: A atualidade teórica do pensamento social brasileiro. *Revista Sociedade e Estado*, v. 26, n. 2, p. 71-95.
- (2009). Pensamento brasileiro e teoria social: notas para uma agenda de pesquisa. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v.24, n. 71, p.155-196.
- MORETTI, Franco.
(2014). *O Burguês*. São Paulo, Três Estrelas.
- MORSE, Richard.
(1988). *O espelho de Próspero*: cultura e ideias nas Américas. São Paulo, Companhia das Letras.
- OLMOS, Ana.
(2004). Práctica intelectual y discurso crítico en la transición: Punto de vista y Novos Estudos del Cebrap. *Revista Iberoamericana*. v. LXX, n. 208-209, p. 939-955.
- PONTES, Heloisa.
(1998). *Destinos mistos*: os críticos do Grupo Clima em São Paulo (1940-1968). São Paulo, Companhia das Letras.
- RICUPERO, Bernardo.
(2013). O lugar das ideias: Roberto Schwarz e seus críticos. *Sociologia & Antropologia*, v.03, n.06, p. 525-556.

- (2011). O lugar do centro e da periferia. In: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lília; *Agenda brasileira: temas de uma sociedade em mudança*. São Paulo, Companhia das Letras.
- SAID, Edward.
- (2004). *Fora do lugar: memórias*. São Paulo, Companhia das Letras.
- (1983). *The world, the text and the critic*. Cambridge, Harvard University Press.
- SANTIAGO, Silviano.
- (2000). *Uma literatura nos trópicos*. Rio de Janeiro, Rocco.
- SARLO, Beatriz.
- (2017). *Conversa com Beatriz Sarlo*. Entrevista concedida a Maria Caroline Marmerolli Tresoldi. (mimeo).
- (2013). *Plan de operaciones*. Chile, Ediciones Universidad Diego Portales.
- (2010). *Modernidade periférica: Buenos Aires 1920 e 1930*. São Paulo, CosacNaify.
- (2009). Entrevista com Beatriz Sarlo. Entrevista concedida a Alejandro Blanco e Luiz Carlos Jackson. *Tempo Social*, v. 21, n. 2, p. 133-150.
- (2008a). *Jorge Luis Borges, um escritor na periferia*. São Paulo, Iluminuras.
- (2008b). Final. *Punto de Vista*, nº 90, p. 3-4.
- (2007). *Escritos sobre literatura argentina*. Buenos Aires, Siglo Veintiuno Argentina.
- (2005a). *A paixão e a exceção: Borges, Eva Peron, Montoneros*. São Paulo / Belo Horizonte, Companhia das Letras / Editora da UFMG.
- (2005b). *Tiempo pasado: cultura de la memoria y primera persona*. Buenos Aires, Siglo Veintiuno Argentina.
- (2001). *Tiempo presente: notas sobre el cambio de una cultura*. Buenos Aires, Siglo Veintiuno Argentina.
- (1998). *La maquinas cultural: maestras, traductores y vanguardistas*. Buenos Aires, Planeta Argentina.
- (1994). *Escenas de la vida posmoderna: Intelectuales, arte y videocultura en la Argentina*. Buenos Aires, Ariel.
- (1992) *La imaginacion tecnica: sueños modernos de la cultura argentina*. Buenos Aires, Ediciones Nueva Vision.
- (1985). *El imperio de los sentimientos: narraciones de circulación periódica en la Argentina (1917-1927)*. Buenos Aires, Catalogos Editora.
- (1981). Editorial do Consejo de Dirección. *Punto de Vista*, ano IV, n.12, p.2.
- SARLO, Beatriz; ALTAMIRANO, Carlos.
- (2016). *Ensayos argentinos: de sarmiento a la vanguardia*. Buenos Aires, Siglo Veintiuno Editores.
- (1983). *Literatura/Sociedad*. Buenos Aires, Hachette
- (1980). *Conceptos de sociología literária*. Buenos Aires, CEAL.
- (1977). *Literatura y sociedade*. Buenos Aires, CEAL.
- SCHWARZ, Roberto.
- (2016). *Conversa com Roberto Schwarz*. Entrevista concedida a Maria Caroline Marmerolli Tresoldi (mimeo).
- (2014). *A lata de lixo da história: chanchada política*. São Paulo, Companhia das Letras.
- (2012a). *Ao vencedor as batatas: Forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo, Editora 34.
- (2012b). *Martinha versus Lucrécia*. São Paulo, Companhia das Letras.
- (2012c). *Que horas são?* São Paulo, SP: Companhia das Letras.

(2012d). *Um Mestre na Periferia do Capitalismo*: Machado de Assis. São Paulo, Editora 34.

(2008a). *O pai de família e outros estudos*. São Paulo, Companhia das Letras.

(2008b). Ao vencedor as batatas. 30 anos: crítica da cultura e processo social. Entrevista concedida a André Botelho e Lília Schwarcz. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 67, p. 147-194.

(1999). *Seqüências Brasileiras*. São Paulo: Companhia das Letras.

(1997). *Duas meninas*. São Paulo, Companhia das Letras.

(1986). *Memorial* (acompanhando o pedido de reclassificação de Robert Schwarz). Universidade Estadual de Campinas.

SILVA, Josué Pereira da.

(2017). O que é crítico na sociologia crítica? *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 32, n. 93, p.1-18.

TRESOLDI, Maria Caroline Marmerolli.

(2017). Forma europeia e matéria local brasileira: a viagem das ideias e a crítica-sociológica de Roberto Schwarz. In: Sílvia Camargo e Josué Pereira da Silva (orgs.); *A teoria crítica na multiplicidade de suas vozes*. São Paulo, Annablume.

WAIZBORT, Leopoldo.

(2007). *A passagem do três ao um*. São Paulo, Cosac Naify.

Recebido em

maio de 2017

Aprovado em

junho de 2017